

tenário da morte do grande poeta lusitano; a fundação do Gabinete de Numismática; a reedição da *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, cuja 1ª edição, de 1610, acabara de ser encontrada na Biblioteca; a reedição da *Arte da Gramática da Língua Brasileira na Nação Kiriri*, do Padre Mamiani, e a publicação dos dois primeiros volumes do grande *Catálogo de Manuscriptos relativos ao Brazil*, obra prevista para 16 grandes volumes<sup>26</sup>. O sucessor de Ramiz Galvão, o Dr. João de Saldanha da Gama, que exerceu a função até pouco tempo após a Proclamação da República, quando foi aposentado (12 de dezembro de 1889), fez substituir a iluminação a gás da Biblioteca pela luz elétrica (1º de julho de 1885)<sup>27</sup> e criou a Exposição Permanente de Cimélios, da qual resultou um imponente e magnífico catálogo, com mais de mil páginas, até hoje imprescindível como instrumento de trabalho<sup>28</sup>. Em sua gestão foram elaborados dois inventários da Biblioteca. Em maio de 1885 foram contados 140 mil volumes impressos, não incluindo nesse cômputo nem os manuscritos, nem o acervo iconográfico; em julho de 1888 a quantidade de livros já chegava a quase 171 mil<sup>29</sup>.

**E a República foi proclamada.**

**O velho Imperador, ao contrário do seu avô,  
D. João VI, não nos deixou de mãos vazias**

Ao voltar para Portugal, D. João VI raspou até o fundo os nossos baús e deixou o Brasil a zero. Já vimos um pouco da verdadeira rapinagem que recebeu o belo (e falso) título de Tratado de Paz e Amizade. Não vimos, pois este não é um livro de história econômica do Brasil, que, como consequência disso, teve "início a penosa acumulação da dívida externa brasileira"<sup>30</sup>, e, poucos anos depois, o próprio Banco do Brasil sofreria um vergonhoso processo de insolvência. Tudo com a aprovação e a chancela de D. Pedro I.

Mas, D. João VI e D. Pedro I eram portugueses e tinham sonhos e a cabeça no além-mar. O velho D. Pedro II era brasileiro e não é proibido pensar que, ao partir para o exílio, sonhasse com uma possível volta. Levou consigo um caixote com terra do Brasil, de lembrança, e, até a morte, sempre falava com carinho